JORNALISMO CIENTÍFICO

COMUNIDADES COSTEIRAS E CIÊNCIAS OCEÂNICAS PRECISAM DE DESTAQUE NA MÍDIA

Juliana Di Beo

O Rio Grande do Sul vivenciou, entre abril e maio de 2024, um dos piores desastres ambientais do país. Para chamar a atenção da sociedade para as causas dessa catástrofe, repercutiu na mídia uma imagem de um rapaz segurando um cartaz escrito “*No começo de todo filme de desastre tem cientista sendo ignorado*”. A mensagem do cartaz se refere aos alertas, em vão, dos cientistas sobre as mudanças climáticas com as previsões do inevitável aumento da intensidade e frequência de eventos climáticos extremos. Essa frase, que tem sido usada repetidamente como um bordão por jornalistas, comunicadores e educadores na tentativa de converter aqueles que recusam acreditar nos conhecimentos verificados e apoiados pelo consenso científico, parece estar incompleta, pois não inclui os conhecimentos de comunidades tradicionais, que são ainda mais ignorados, mas que contribuem tanto quanto eles para o cuidado da natureza.

À luz de cinco casos inspiradores, um artigo de revisão publicado no início deste ano na prestigiosa revista *Nature*, argumenta que a

ciência e a política conservacionista devem reconhecer que a proteção das diversidades tanto biológica quanto cultural promove benefícios para manter os ecossistemas saudáveis. Esse estudo, no entanto, não é o primeiro a mostrar o efeito positivo da interdependência entre populações tradicionais e áreas nativas para a conservação de ecossistemas. O *1º Diagnóstico Brasileiro Marinho-Costeiro sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos* apontou que as áreas ocupadas por tais povos – que somam ao menos 14 povos indígenas, 61 terras indígenas, 111 territórios quilombolas, inúmeras comunidades tradicionais como extrativistas, caiçaras, jangadeiros e pescadores tradicionais – tendem a ser mais conservadas, apesar de seus modos de vida e seu território não serem reconhecidos formalmente e estarem sujeitos a ameaças e conflitos. Esse diagnóstico também aponta que a sinergia entre a ciência e os saberes tradicionais são elementos para uma boa governança e, portanto, para o bom exercício da cidadania.

Sabemos que o bom exercício da cidadania depende que as pessoas estejam se informando ao longo de toda a sua trajetória de vida, e mais, depende do trabalho de jornalistas, já que informar deve ser a ação principal de quem pratica jornalismo. O bom jornalismo é aquele que consegue trazer à tona o que está escondido, para que as pessoas possam ter uma formação crítica continuada sobre assuntos diversos que atravessam suas vidas. Logo, se as pessoas adquirem uma boa cidadania, podemos presumir que elas podem votar em bons candidatos e fazer escolhas sócio e ambientalmente conscientes.

Acontece que alcançar uma cidadania sistêmica em meio a sociedade com tantos desafios – de ordem basal, como acesso à educação de qualidade – pode soar utópico, não? Segundo artigo publicado na revista *Journal of Biological Education* sobre Percepção Pública de estudantes do ensino médio sobre ambientes costeiro-marinhos, a maioria dos estudantes não compreende a importância do oceano em seu cotidiano e apresenta uma visão antropocêntrica, em que o meio ambiente é visto como um conjunto de recursos disponíveis

para o uso humano. Essa falta de compreensão sobre a importância do oceano em suas vidas também aparece em um estudo conduzido pela Fundação Grupo Boticário que mostrou que 40% da população brasileira acredita que suas ações não impactam o oceano.

Essa percepção sobre a zona costeira e marinha é afetada não somente pela falta de cobertura do tema pelo jornalismo, mas por uma conjuntura ampla, que envolve a relação das pessoas com a natureza, e o baixo nível de educação científica no país. Na educação básica, assuntos ligados ao oceano, por exemplo, mal recebem destaque no currículo, sequer aparecem na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). E ainda que as comunidades tradicionais tenham maior reconhecimento na BNCC, o documento apenas menciona os caiçaras como exemplo de comunidade costeira.

Como, então, falar da sinergia entre conhecimento científico oceânico e saberes tradicionais costeiros se eles não têm sequer destaque no currículo da educação básica? Acredito que existem muitos caminhos possíveis para valorizar essa sinergia, um deles se encontra no terreno midiático, no esforço de pautar e dar voz para fontes diversificadas de especialistas, não só cientistas, mas também os povos tradicionais. Por exemplo, a *Folha de São Paulo*, o maior veículo jornalístico brasileiro, lançou uma série de reportagens que destacam a importância da manutenção dos mangues amazônicos – que são os mais extensos e bem preservados do mundo – pelas populações tradicionais que dependem desse ambiente para pesca e coleta de animais para alimentação e fonte de renda. A série conta com quatro capítulos, cada um tecendo histórias que entrelaçam diferentes saberes – cientistas, comunidades costeiras e profissionais de órgãos ambientais do governo – que convergem para a conservação e compreensão do manguezal, ecossistema que contribui de tantas formas para nossas vidas.

Outro exemplo inspirador é a repercussão midiática da parceria público-comunitária entre caiçaras e estado de São Paulo na gestão

do Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Uma conquista inédita que busca valorizar a troca de saberes dos caiçaras – que habitam a região desde antes do século 19 –, com o público visitante, através do turismo de base comunitária, e também incentiva o protagonismo deles na administração dessa unidade de conservação que é vital para a qualidade de vida dessa comunidade.

Produções jornalísticas como essas demonstram como o jornalismo de ciências e ambiental – já que ambos têm o objetivo comum de desmentir inverdades difundidas na sociedade sobre meio ambiente, ecologia e mudanças climáticas, como aponta o jornalista Bernardo Esteves – contribuem para evidenciar a sinergia das ciências e dos saberes dos povos tradicionais costeiros em prol da conservação do meio ambiente. Para que os cientistas e os povos tradicionais deixem de ser ignorados, precisamos criar estratégias de resistência para manter as diversidades culturais e científicas vivas, como diria Ailton Krenak, para adiar o fim do mundo. E para isso, uma boa dose de sinergia diária nos principais veículos de jornalismo pode ser um bom começo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Grace V. B. C. L. *et al.* Middle school students' perception of marine and coastal environments. **Journal of Biological Education**, p. 1-10, 2024.

FANZERES, Andreia de Matos Peixoto. **Rotinas produtivas sobre meio ambiente e perspectivas do jornalismo ambiental no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GAMBA, Estêvão; RIGHETTI, Sabine. **MyNews explica negacionismo científico e suas consequências**. São Paulo: Edições 70, 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEVIS, Carolina *et al.* Contributions of human cultures to biodiversity and ecosystem conservation. **Nature Ecology & Evolution**, v. 8, n. 5, p. 866-879, 2024.

OCEANO SEM MISTÉRIOS: a relação dos brasileiros com o mar. Fundação Grupo Boticário, COI-Unesco, Unesco Brasil, Unifesp, 2022.

PATRIANI, Luís. Caiçaras assumem gestão de parque estadual no litoral de SP; parceria é inédita no Brasil. **Mongabay**, 14 maio 2024.

RIBEIRO, Tayguara; BOTALLO, Ana. Série da Folha destaca importância da preservação dos mangues amazônicos. **Folha de São Paulo**, 2024.

RIGHETTI, Sabine. Ciência na mídia: onde estão os estudos de pesquisadores brasileiros? *In*: VOGT, Carlos; GOMES, Marina; MUNIZ, Ricardo (org.). *ComCiência e divulgação científica*. Campinas: Labjor, 2018. p. 23-30.

SEIXAS, Cristiana Simão *et al.* **Sumário para Tomadores de Decisão do 1º Diagnóstico Brasileiro Marinho-Costeiro sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos**. 2023.

TRIGUEIRO, André. **Negacionismo mata**. [S. l.], 10 maio 2024. Instagram: @andre_trigueiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/andre_trigueiro/p/C6yZv5GO6XB/>. Acesso em: 06 de junho de 2024